

## Na onda da boa in/formação: a biblioteca escolar não é invisível e interage com os alunos

Inês Braga  
inesbraga@iscap.ipp.pt  
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto  
CIC.DIGITAL - Centro de Investigação em Informação, Comunicação e Cultura Digital /CITCEM  
– Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço e Memória  
CEOS.PP - Centro de Estudos Organizacionais e Sociais do Politécnico do Porto

### RESUMO

A Literacia da informação (LI) é definida como a capacidade que um indivíduo tem de perceber quando e como necessita de obter informação, onde encontrá-la, avaliá-la, usá-la e comunicá-la eticamente (CILIP, 2012).

Apresenta-se um Projeto de Formação, numa biblioteca escolar, realizado com turmas de 10<sup>o</sup> ano e cujos objetivos são dotar os alunos de competências de LI úteis para a realização de trabalhos académicos e tornar a biblioteca mais visível.

A metodologia adotada é a pesquisa-ação, sendo as técnicas de recolha de dados um questionário e uma entrevista. Procedeu-se a um estudo de utilizadores e foi concebido e aplicado um programa de formação para os alunos.

Os resultados da avaliação sobre LI, após a formação, são bons mas demonstram que a ação formadora deve ser continuada.

Assim, a LI deve ter uma integração explícita e formal no currículo, contando com a interação de alunos, docentes, bibliotecários e responsáveis pela Educação que viabilizem proativamente programas de LI.

**Palavras-chave:** Literacia da Informação, formação, biblioteca escolar, alunos, competências

### ABSTRACT

Information Literacy (IL) is defined as an individual's ability to perceive when and how information is needed, where to find it, evaluate it, use and communicate it ethically (CILIP, 2012).

A Training Project is presented, carried out in a school library with 10th grade students, whose objectives are to provide students with IL skills useful for academic work and to make the library more visible.

The methodology adopted is action research, and data collection techniques are a questionnaire and an interview. A user study was carried out and a training program for students was designed and implemented.

The results of the IL evaluation after training are good but demonstrate that the the trainer action should be continued.

Thus, IL must have an explicit and formal integration in the curriculum, counting on the interaction of students, teachers, librarians and those in charge of Education who proactively enable IL programs.

**Key words:** Information Literacy, training, school library, students, skills

## **Introdução**

A Literacia da Informação (LI) é um conceito que tem vindo a evoluir ao longo dos tempos e que, no passado, era conotado com alfabetização e com competências básicas tais como saber ler, escrever e contar.

Enquadrando-se esta investigação no campo científico da Ciência da Informação, parece-nos fundamental circunscrever o conceito emanado por uma importante organização da área - o Chartered Institute of Library and Information Professionals - que a define como a capacidade que um indivíduo tem de perceber quando e como necessita de obter informação, onde encontrá-la, avaliá-la, usá-la e comunicá-la de uma forma ética (CILIP, 2018).

É notória a importância que a Literacia tem, seja para investigadores de renome internacional, seja para importantes associações na área da Ciência da Informação, tais como a IFLA ou ALA que sobre ela produzem Declarações, referenciais, investigações e programas de formação.

Destaquemos o reconhecimento que a ONU lhe confere, instituindo determinados períodos de celebração, com um impacto internacional. Evoque-se o dia 8 de setembro como o dia internacional da Literacia (desde 1967), 1990 como o ano internacional da Literacia e o período de 2003 a 2012 como a *United Nations literacy decade: education for all*, na senda de que o acesso à Educação é um direito humano.

Porque nos temos interessado e vindo a desenvolver trabalho sobre o modo como a LI é perspectivada e abordada em sistemas de ensino formais, nomeadamente no ensino superior (Braga, 2014), consideramos muito oportuno centrar a nossa análise num ciclo de estudos anterior ao explorado, isto é, o ensino secundário, já que é nossa convicção de que a formação para a LI deve ser anterior à entrada no ensino superior e o mais precoce possível.

Considerando que a aposta para o desenvolvimento de competências de LI passa pela formação formal, englobando vários agentes educativos, tais como alunos, professores e bibliotecários, tendo experiência enquanto professora e responsável de uma biblioteca universitária, organizámos e levámos a cabo um projeto de formação para a Literacia da Informação, designado “Na Onda da boa in/formação”, em 2017, numa biblioteca escolar de Matosinhos, na Escola Secundária da Boa Nova, no âmbito da Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Aberta.

## **Enquadramento teórico**

A LI enquadra-se na área do Comportamento Informacional (CI) que, de acordo com diferentes modelos de vários autores como Tom Wilson, Brenda Dervin ou Carol Kuhlthau integra diversas fases, sendo algumas delas comuns. Assim, genericamente, o ciclo do CI inicia-se quando um indivíduo reconhece que tem uma necessidade ou lacuna informacional, e tenta suprimi-la através de

pesquisas nos tradicionais suportes de papel e/ou nos digitais. A pesquisa da informação em fontes da informação diversificadas e fidedignas deve pressupor competências para uma eficiente recuperação da mesma, de acordo com os objetivos do utilizador da informação. E o ato de selecionar a informação adequada exige uma correta avaliação da mesma, bem como uma apropriação ética da mesma, seja para uso pessoal, seja para a partilha com terceiros, através de atos comunicacionais orais e /ou escritos.

São várias as áreas científicas que têm abordado a questão da literacia mas remonta a 1974 a data em que a designação “information literate” foi usada pela primeira vez, por Paul Zurkowsy, bibliotecário americano e Presidente da Information Industry Association, referindo-se a um indivíduo com competências de LI e reportando-se ao uso efetivo da informação em contexto laboral, no âmbito da resolução de problemas, tal como contextualiza David Bawden, há já dezassete anos. Para ele, existem diversas variantes do termo para além de “information literacy”, tais como “digital literacy”, “computer literacy”, “library literacy”, “network literacy”, “internet literacy”, “hyper-literacy” e “media literacy”, concluindo ser o termo “Information literacy” o que ocorre mais vezes em bases de dados internacionais (Bawden,2001).

O termo multiliteracias também tem vindo a ser crescentemente usado e Cope e Kalantzis (2009) mencionam a necessidade de complementar o tradicional conceito de literacia (relacionado com a fonética, palavras, textos, literatura) com uma abordagem pedagógica das multiliteracias que possibilite a aprendizagem de como ler e escrever textos multimodais que integrem os outros “modos” com a linguagem..

O referencial *P21's Framework for 21st Century Learning* (P21, 2016) criado na América, com a colaboração de educadores, e líderes empresariais define as competências que os alunos do atual século precisam de desenvolver para terem sucesso no trabalho, na vida e na cidadania. Organiza em três grandes áreas diversos tipos de competências: Learning and Innovation Skills, Information, Media and Technology Skills e Life and Career Skills. O primeiro grupo relacionado com competências de aprendizagem e inovação, inclui os chamados 4 C's - *Creativity and Innovation, Critical Thinking and Problem Solving, Communication e Collaboration*. No segundo grupo inclui-se a Literacia da Informação, a Literacia dos Media e a Literacia das Tecnologias da Informação e Comunicação. No último grupo, salientamos competências como a flexibilidade, a iniciativa, a liderança ou a responsabilidade.

Swiatkiewicz (2014) afirma dever existir uma interação entre vários tipos de competências que designa como “técnicas” *hard skills*, (essenciais na profissão, ou “transversais” (*soft skills*) relacionadas com a vertente humana, tal como capacidades comunicacionais, de relacionamento interpessoal, de trabalho colaborativo, de liderança e ainda as “morais”, integradas no grupo das transversais.

A crucial tarefa formativa (e nunca acabada) de desenvolver competências deve mobilizar vários atores, dentre os quais os bibliotecários. Estes são mediadores proativos e difusores da mensagem sobre a importância da competência em informação na formação dos estudantes, convocando uma efetiva colaboração dos docentes, o envolvimento com a comunidade, promovendo parcerias e definindo co-responsabilidades, fatores importantes para o êxito de programas de LI (Dudziak, 2001, 2005).

Se existe vasta literatura sobre linhas de atuação e aplicação de programas a executar por estes “librarian teachers”, nem sempre os sistemas de ensino nem as condições dadas aos agentes educativos se alinham com uma realidade desejável.

Cite-se o estudo de Saunders (2012) que aborda a questão da responsabilidade da formação para a LI, sublinhando o papel fundamental do bibliotecário. Enquadrando o seu estudo em dados que provam défices de literacia nos estudantes, assumindo que a LI é uma competência fundamental que ultrapassa diferentes fronteiras disciplinares, a autora não escamoteia que há bibliotecas que não estão desempenhando bem o seu papel. E revela uma generalizada ambiguidade de responsabilidades em matéria de formação para a LI, corroborada pela perspetiva de docentes universitários americanos inquiridos. Os resultados confirmam que não é consensual nem concludente a forma como a LI se deve integrar no currículo nem quem a deve ensinar – professores, bibliotecários ou a faculdade com o apoio dos bibliotecários - o que, para nós, e para qualquer grau de ensino, corresponde a um grave vazio e a uma diluição de responsabilidades que importa reverter.

Para que seja eficaz o resultado de programas de formação de LI, partilhamos da convicção de que a avaliação das competências deve ser feita, com vista a traçar-se o diagnóstico do grau de literacia dos indivíduos, adotando-se, de seguida, medidas corretivas e uma formação dos utilizadores da informação o mais adequada e personalizada possível e correspondendo às suas necessidades e lacunas.

Nesse sentido, realçamos a importância de um instrumento de avaliação internacional, o PISA - Programme for International Student Assessment - desenvolvido pela OCDE e que, através de um teste, avalia a literacia de alunos de 15 anos de todo o mundo e que frequentemente, no mínimo, o 7º ano de escolaridade. Para além de avaliar a capacidade que jovens com estes requisitos têm para responderem aos reptos da sua transição para a adultícia, o Programa permite traçar um retrato dos sistemas educativos dos países e economias participantes.

O teste PISA que vem sendo ministrado trianualmente, de acordo com os resultados mais recentes da 6ª edição, de 2015, e recobrando as áreas da Leitura, Matemática e Ciências, revela, para os alunos portugueses, uma melhoria de resultados em todas as áreas, tendo por referência a 1ª edição em 2000. De acordo com o Conselho Nacional de Educação (CNE), Portugal fica acima da média da OCDE em todas as áreas, sendo que dos 72 participantes no estudo, o nosso país obtém o seguinte posicionamento: 17.º a Ciências, 18.º em Leitura e 22.º a Matemática (CNE, 2016).

Na introdução do documento *PISA 2015 Results in Focus*, publicado pela OCDE, o Secretário-Geral, Angel Gurría, com base nos resultados obtidos, exorta a que cada país participante, incluindo os melhores da lista, introduza melhorias. Após caracterizar o mundo atual como tendo altos níveis de desemprego juvenil, crescente desigualdade, diferenças significativas entre géneros e uma necessidade urgente de impulsionar o crescimento inclusivo, afirma que não há tempo a perder para fornecer a melhor educação possível a todos os alunos (OCDE, 2018).

É justamente com alunos da faixa etária dos participantes do PISA que esta investigação incide, no contexto da educação formal do sistema de ensino português. Refira-se que o Ministério da Educação tem valorizado a

formação formal e precoce, na área da Literacia. Através da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), sob sua dependência, e no mais recente referencial intitulado *Aprender com a biblioteca escolar*, a RBE identifica três áreas de Literacia, a saber: a da Leitura, dos Media e da Informação. É visível o papel determinante consagrado às bibliotecas escolares no âmbito da formação para a Literacia, de forma progressiva e englobando três ciclos de estudo: a educação pré-escolar, o ensino básico e secundário (Rede de Bibliotecas Escolares (Eds.). (2017).

O mesmo Ministério da Educação definiu, recentemente, dez competências-chave que os alunos, com a escolaridade obrigatória devem ter, para, numa perspetiva integrada, desenvolverem competências em multiliteracias, que os preparem para as mutações do século XXI. De acordo com a enumeração das áreas de desenvolvimento e aquisição dessas competências-chave, destacamos algumas como: *i)* informação e comunicação, *ii)* raciocínio e resolução de problemas, *iii)* pensamento crítico e pensamento criativo, *iv)* relacionamento interpessoal ou *v)* saber técnico e tecnologias (Ministério da Educação, 2017).

### **Um estudo empírico assente no papel formador, proativo e visível da biblioteca escolar**

O estudo empírico corresponde ao Projeto já referido e integrou diversas atividades desenvolvidas com e para os alunos, no sistema formal do Ensino Secundário, visando o seu melhor desempenho como alunos e futuros cidadãos mais aptos a enfrentar os reptos de um século complexo, em que o progresso, a mudança e a incerteza são galopantes.

Teve subjacentes à sua conceção vários pressupostos tais como os de que *i)* a formação para a LI dever ser efetiva, formal e precoce *ii)* as bibliotecas das instituições de ensino de qualquer grau de ensino têm responsabilidades nessa matéria, *iii)* os bibliotecários devem ser proativos, promovendo formação formal, *iv)* os bibliotecários devem mobilizar alunos com formação motivadora, útil e que corresponda aos seus interesses e dificuldades, *v)* os bibliotecários devem promover um trabalho colaborativo e interdisciplinar com os professores e outros agentes educativos, comprometendo e sensibilizando os gestores para a importância da LI e *vi)* os bibliotecários devem envolver a comunidade educativa, promovendo a sua ação e tornando-a visível através de marketing.

Os objetivos do Projeto foram dotar os alunos de competências de LI, traduzindo-se tal em formá-los, de modo a reconhecerem uma necessidade informacional, pesquisarem, selecionarem, avaliarem e usarem a informação de várias fontes credíveis (impressas e digitais) de uma forma ética.

A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, muito usada em Educação, potenciando o desenvolvimento dos professores, por forma a que estes possam melhorar o seu desempenho profissional e a aprendizagem dos alunos, a partir das suas investigações. O ciclo desta metodologia abrange quatro fases- *i)* planejar (uma melhoria), *ii)* agir, para implementar a melhoria, *iii)* monitorar e descrever (os efeitos da ação) e *iv)* avaliar (os resultados da ação). “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (Tripp, 2005, p.446).

Entendemos ser esta a metodologia adequada, já que partimos de um problema existente – lacunas no desenvolvimento de competências de LI dos alunos, nomeadamente para realizarem algo útil para eles no percurso escolar - os trabalhos académicos e planeámos uma estratégia de melhoria, concebendo e desenhando uma ação de formação teórico-prática sobre a matéria, bem como um conjunto de atividades complementares. De seguida, agimos, concretizando a formação junto dos alunos de cada turma participante; monitorámos, descrevemos e avaliámos os efeitos da ação, nomeadamente através da aplicação e avaliação de uma ficha de trabalho que implicava a mobilização das competências relativas à componente teórica.

Quanto aos parceiros deste Projeto implementado pela investigadora foram a bibliotecária escolar, o grupo disciplinar de Filosofia e especificamente dois professores do 10º ano que lecionam todas as turmas dos Cursos Científico-Humanísticos existentes na Escola, perfazendo um total de sete turmas e, evidentemente, os alunos dessas turmas.

Como já mencionado, paralelamente à ação formadora Biblioteca, correspondente a uma ação pedagógica alargada e sistematizada, existiu uma ação divulgadora, tendo-se adotado, para tal, estratégias de Marketing. Dentre as atividades realizadas, começamos por destacar a formação sobre LI ministrada pela investigadora, durante o período letivo de uma aula de Filosofia, com duração de uma hora e trinta minutos, num espaço diferente da sala de aula, na biblioteca ou sala de informática, em que os alunos puderam, em trabalho de pares e com o acompanhamento da bibliotecária e, pontualmente, dos professores, pôr em prática os conhecimentos sobre questões de LI anteriormente adquiridos ou acabados de transmitir na parte expositiva da sessão. Ora, esta atividade foi alvo de divulgação, junto da comunidade escolar, através de painel informativo colocado à entrada da biblioteca, com fotos das sessões e outras informações relativas ao Projeto e atividades da Biblioteca.

Pretendeu-se que o impacto da formação não fosse pontual nem se circunscrevesse unicamente às turmas de 10º ano e, para tanto, o powerpoint da sessão de formação, bem como a ficha de trabalho foram publicados no moodle da biblioteca. E dando continuidade a uma boa prática já existente de publicação de materiais sobre LI no blog da biblioteca, alguns materiais pedagógicos sobre o tema foram criados de raiz ou atualizados para divulgação no blog “A BE informa” disponível em <http://abeinforma.blogspot.pt/>.

Com vista a difundir e consolidar a mensagem de “Na onda da boa in/formação”, foi proferida a conferência “Copiar ou não copiar... eis a questão!”, por uma advogada que explorou, pedagogicamente, questões relativas ao Direito da Informação, tais como direitos de autor, ética e plágio no uso da informação, consolidando os conteúdos das ações de formação e contribuindo, também, para reforçar, ainda que indiretamente, uma imagem (pro)ativa da biblioteca. Também para a divulgação desta atividade foram criados cartazes publicitários estrategicamente colocados em diversos locais da escola.

Para um maior envolvimento dos alunos e maior visibilidade deste programa de formação na comunidade escolar, a biblioteca lançou um concurso para criação de um logotipo do projeto, convidando, para tal, a turma de 11º ano do curso de Artes Visuais, tendo a equipa da biblioteca eleito o melhor logotipo.

Igualmente foram concebidos marcadores de livros para a divulgação do Projeto, tendo sido distribuídos a todos os alunos e professores acompanhantes que assistiram às sessões de formação. Conjugaram-se as mensagens do

reforço de um bom uso da informação, do repúdio do plágio e incremento do uso ético da informação com as de gosto pela leitura.

Centremo-nos, agora, na ação de formação sobre LI cujo desenho pressupôs a aplicação prévia de técnicas de recolha de dados como a aplicação de um inquérito por questionário, no sentido de melhor conhecer o público-alvo – os alunos, tendo o mesmo sido ministrado a uma amostra, isto é, quatro turmas, dentre um total de sete, e perfazendo um total de 86 respondentes.

Complementando a informação recolhida junto da bibliotecária e professores de Filosofia envolvidos no Projeto, estes questionários permitiram-nos realizar um estudo de utilizadores da informação, com vista a traçarmos o seu perfil, percebermos as suas competências e necessidades informacionais e assim concebermos de forma mais eficaz, a sessão de formação a ministrar.

O questionário, constituído por 19 questões, predominantemente fechadas, incluía um grupo de perguntas de pendor biográfico e sociocultural dos estudantes e do seu agregado familiar - género e idade dos estudantes, bem como escolaridade da mãe e do pai, número de computadores existentes em casa, existência de ligação à internet em casa e se o aluno era beneficiário do SASE. Integrava ainda outro grande grupo relativo ao contexto escolar, com algumas questões relacionadas com a biblioteca, tais como frequência (anterior e atual) da mesma, materiais consultados, pesquisa da informação para realização de trabalhos académicos, conhecimentos transmitidos por professores sobre LI, no âmbito da realização de trabalhos na biblioteca, e outros conhecimentos que os estudantes detêm sobre LI <sup>1</sup>.

Também a ficha de trabalho realizada na parte prática da ação de formação, concebida colaborativamente com a bibliotecária, consistiu num questionário online, contendo cinco questões: a elaboração de uma citação direta breve a partir da consulta de um *ebook*, referências bibliográficas de um *ebook*, de um livro e de um artigo em suporte de papel, bem como a elaboração de uma breve bibliografia a partir das referências anteriormente produzidas.

De referir que a ficha foi realizada em trabalho de pares, em computadores com acesso à net, teve o apoio da investigadora, da bibliotecária e, nalguns casos, do professor de Filosofia, o qual “cedeu” uma aula sua e acompanhou os alunos. As questões pressupunham a consulta de informação de um *ebook*, de um livro e de uma revista, disponibilizados aos alunos, sendo que os assuntos sobre os quais versavam o *ebook* e livros eram relacionados com Filosofia. As obras em papel foram previamente selecionadas e colocados na mesa de trabalho de cada grupo e era recomendado que os alunos consultassem o powerpoint apresentado anteriormente, na primeira parte da sessão.

Este powerpoint versava sobre os seguintes conteúdos: fontes de informação, citações, referências bibliográficas e bibliografias, de acordo com a norma de referência bibliográfica American Psychological Association - APA (já que esta é a norma recomendada pela ESNB). Igualmente se sensibilizou para a problemática dos direitos de autor, do plágio e do uso ético da informação.

---

<sup>1</sup> Deste questionário constam algumas questões semelhantes ao aplicado aos estudantes inquiridos na investigação de Braga (2014), questionário esse adaptado do importante estudo de referência sobre LI e o ensino em Portugal e gentilmente cedido pelo seu coordenador, Prof. Doutor Armando Malheiro da Silva. Ver A. M. Silva, V. F. Marcial & F. Martins (Eds.). (2016) (Silva et al., 2016).

## Resultados

Com o objetivo de traçar um perfil o mais completo possível dos alunos, apresentamos, de seguida, dados recolhidos dos questionários ministrados aos alunos.

Num total de 86 inquiridos, 52% são do género masculino e 48% do género feminino, sendo que a maior percentagem tem 15 anos (47%) e verificando-se que a maioria (55%) se inclui nas categorias dos 14 e 15 anos.

Quanto à escolaridade da mãe e pai dos sujeitos, a maioria concentra-se no ensino Secundário e ensino Superior (perfazendo um total de 59%, no caso das mães e 54%, no caso dos pais). Em ambos os níveis, verifica-se uma ligeira superioridade percentual no ensino Secundário e Superior no grupo das mães relativamente aos pais.

Apenas 5% dos inquiridos não tem computadores em casa, a maior percentagem tem um computador (31%), enquanto a maioria (60%) tem entre um e dois computadores em casa. A totalidade afirma ter ligação à internet.

A grande maioria (84%) não tem SASE.

Quanto à frequência anterior da biblioteca, regista-se que 1/5 dos alunos afirma nunca ter tido essa experiência, observando-se que a maior percentagem de inquiridos (34%) afirma ter frequentado a biblioteca no 3º ciclo e 12% no 2º ciclo, ou seja, há uma frequência maior deste espaço no ciclo imediatamente anterior ao Ensino Secundário, aquele que os alunos se encontram a frequentar.

Quanto à frequência atual da biblioteca, uma maioria de 56% afirma frequentar raramente ou nunca a biblioteca e 15% uma vez por mês, verificando-se, portanto, uma bastante baixa frequência deste importante serviço de informação, por parte dos alunos.

Pode observar-se que os livros são os materiais inequivocamente mais consultados (66 ocorrências), seguidos da informação eletrónica (25 ocorrências), dentre um total de 126 respostas.

Questionados se alguma vez tinham feito trabalhos para alguma disciplina na biblioteca, uma maioria de 73% afirma que sim mas é de registo que mais de 25% nunca teve essa experiência de proximidade com a biblioteca para fins escolares.

Quanto à questão “Onde pesquisas a informação para fazeres os trabalhos?”, de um total de 116 respostas, regista-se uma esmagadora preferência pela “internet”, com 82 ocorrências, seguida da opção “livros”, com 41 respostas. Os resultados relativos às restantes opções – jornais, revistas e outros são residuais face às duas primeiras opções.

Quando lhes é perguntado a quem recorrem para solicitar ajuda para realização de trabalhos, o maior número de alunos afirma serem os colegas, depois os familiares, os amigos, os professores, ninguém, o bibliotecário e outros. Saliente-se o reduzidíssimo número daqueles que recorrem ao bibliotecário, sete casos, num total de 177.

A propósito da questão “Caso tenhas feito algum trabalho para a escola, na Biblioteca, o professor ensinou-te a...”, contendo cinco subpontos sobre aspetos específicos, apesar de as respostas serem, na maioria dos casos, afirmativas, o caso específico do ensino das citações revela uma maior percentagem de respostas negativas do que positivas (47% vs 43%). Pelo contrário, o ensino sobre a estruturação do trabalho escolar apresenta uma alta

percentagem (86%), o que significa que os professores terão, provavelmente, investido bastante com os seus alunos neste ponto em especial.

Quanto ao conhecimento prévio de cinco questões acerca de Literacia da informação – observa-se, em duas delas, uma maioria muito significativa de respondentes que afirma não conhecer normas de referenciação bibliográfica (71%) e as normas APA (90%), sublinhando-se o facto de 8% não responder à segunda questão, provavelmente, por desconhecimento do que seja.

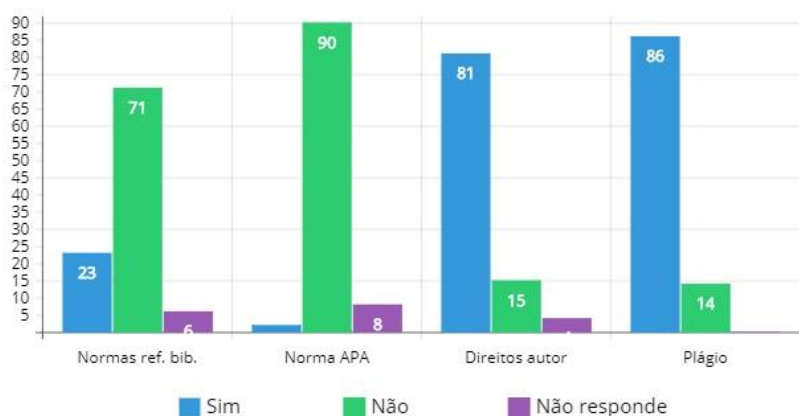


Gráfico 1 - Resultados percentuais sobre conhecimento prévio de questões acerca de Literacia da informação

Nas duas questões abertas em que se solicitava uma definição sobre direitos de autor e plágio, regista-se, para o primeiro caso, uma percentagem de 51% de respostas corretas, 29% de erradas e 20% dos alunos não responde. No que respeita ao plágio, 77% dos inquiridos definem-no corretamente, 8% erradamente e 15% não responde.

Finalmente, acerca da questão sobre a utilidade de aprender a estruturar corretamente trabalhos - investigar em boas fontes de informação, fazer citações, referências bibliográficas e bibliografias, 95% dos sujeitos reconhece utilidade, 4% não reconhece e 1% não responde. Solicitados a justificar, a percentagem dos que o fizeram é de 89% e 11% não o fizeram.

Em suma, alguns dos resultados deste questionário foram determinantes para confirmar a pertinência do Projeto e alinhar, da forma mais adequada, os conteúdos da formação.

Sem dúvida, concluímos que normas de referenciação bibliográfica deveriam ser abordadas, já que a maioria dos respondentes afirma desconhecê-las, tendo sido a APA a selecionada, por ser a adotada institucionalmente.

Também fundamental foi a introdução de um tópico sobre como fazer citações, atendendo a uma percentagem muito expressiva de 47% de alunos que diz não nunca terem sido ensinados previamente sobre o modo de o fazer, bem como introdução de informação sobre o direito de autores, já que cerca de metade dos alunos ou não sabem o que é ou não respondem à questão.

Enfim, igualmente ficou claro que as fontes de informação sobre as quais os alunos deveriam trabalhar não deveriam incluir só o suporte em papel, já que a internet é esmagadoramente a fonte de informação mais consultada. Por esse motivo, desafiamos os alunos a consultar um *ebook*, um livro e um artigo de uma revista em papel.

No que respeita à relação dos alunos com a biblioteca e o bibliotecário, apercebemo-nos que os hábitos de frequência da biblioteca dos alunos são reduzidos e apesar de uma maioria de afirmar que já tinha experienciado fazer trabalhos para alguma disciplina na biblioteca, é de registar, pela negativa, que mais de ¼ dos inquiridos nunca tinham experienciado apoio académico, por parte da biblioteca escolar, serviço que esta deveria oferecer, desenvolver e divulgar para todos.

Muito mais evidente e sintomática de uma inexistente ou reduzidíssima relação entre os alunos e os bibliotecários, no âmbito da realização de trabalhos, é a baixíssima percentagem de apenas 4% de alunos que recorrem ao bibliotecário para solicitar ajuda. Ora, tal situação pode significar desconhecimento desta função por parte dos alunos, desinteresse, ou um baixo investimento das bibliotecas escolares para serem mais próximas dos seus jovens utilizadores e darem visibilidade à sua ação formadora e de apoio.

Quanto à avaliação da ficha de trabalho, registam-se resultados bastante positivos (81% de notas positivas).

Analisando os resultados de cada questão, a única em que há mais resultados negativos que positivos é relativa à última - elaboração de uma bibliografia, com 52% de negativas, admitindo nós que o tempo de resposta tenha sido insuficiente ou que o grau de dificuldade da questão fosse superior ao das restantes. As outras questões apresentam uma maioria de resultados positivos, sendo que aquela que regista melhores resultados respeita à elaboração de uma citação (97%), seguida da de uma referência bibliográfica de um livro impresso, de um *ebook* e finalmente de um artigo de uma revista impressa.

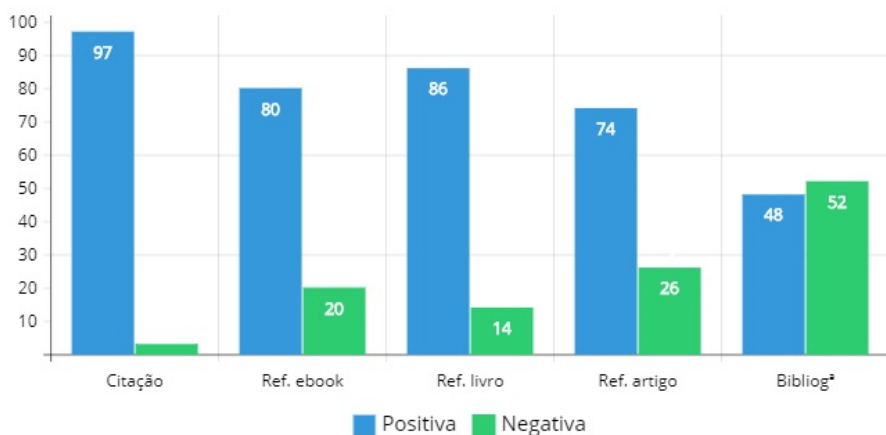


Gráfico 2- Resultados percentuais da ficha de trabalho realizada pelas turmas de 10º ano

Outra técnica de recolha de dados que usámos, para além dos questionários, foi a entrevista à bibliotecária escolar, com a qual fomos sempre trocando impressões, num trabalho colaborativo fundamental para o êxito do Projeto. Após a implementação do mesmo, entendemos pertinente fechar a investigação com uma entrevista formal à bibliotecária que é detentora de uma

pós-graduação na área da Ciência da informação e que está no terreno das bibliotecas escolares há 13 anos, justamente nesta Escola Secundária. Aqui damos destaque a algumas respostas relativas a questões que serão, seguramente, determinantes para uma compreensão mais global e realista do tema em estudo, bem como para confirmar dados fornecidos pelos estudantes.

Assim, para esta profissional, numa Escola Secundária, a obrigação de formar para a LI é do professor bibliotecário e dos professores. E quando interrogada se há alguma disciplina que aborde questões relacionadas com LI, responde que se trata de uma competência transversal ao currículo, referida nos programas, mas não estruturadamente ensinada em nenhuma disciplina. Refere, no entanto, a disciplina de TIC e a abordagem de questões relacionadas com a literacia dos Media.

Sobre a noção da importância que a LI tem para diferentes agentes educativos, tais como os alunos, professores e bibliotecários, em geral, e a Direção da Escola, com exceção dos bibliotecários, entende que, na prática, ela é reduzida.

Assim, os alunos não têm essa noção pois acham-se capazes de resolver os seus problemas informacionais autonomamente, ignorando a ética da informação. Quanto aos professores refere que eles se queixam, normalmente, da tendência dos alunos para o “copy paste”, reconhecendo a necessidade de formação mas não lhe dedicando, eles próprios, muito tempo. Já no seu entender, os professores bibliotecários têm noção da importância da LI, visto que a Rede de Bibliotecas Escolares faz da formação para as literacias um ponto-chave do seu programa e acrescenta que o modelo de avaliação de bibliotecas escolares contempla essa área. Finalmente, entende que, para a Direção da Escola, a LI não é prioritária, já que predomina a preocupação com o cumprimento dos programas, a pressão dos resultados e os exames.

Quando questionada sobre que grau de importância a bibliotecária da Escola atribui às questões de LI, refere que tal é refletido na elaboração de guiões, na organização de um blog com informação e em sessões de formação com os alunos. Acrescenta, no entanto, a ausência dum trabalho continuado, de acompanhamento e desenvolvimento dessa formação inicial.

Sobre a solicitação de ajuda à biblioteca para questões relacionadas com LI refere uma muito baixa percentagem de alunos que o fazem e explicita que as áreas em que pedem ajuda normalmente são as relativas às fontes de informação ou elaboração de referências bibliográficas.

Também muito baixa é a percentagem de professores que a procuram para tratarem de questões relacionadas com LI. Apesar de tudo, convidada a escolher e a ordenar várias opções dadas, da mais frequente para a menos frequente, a entrevistada revela que a solicitação de ajuda de professores que a procuram para questões relacionadas com a LI é sobretudo para ela ministrar formação aos alunos ou para projetos conjuntos.

Quanto à aplicação de ferramentas de avaliação, após as formações, a inquirida confirma que o faz, através de questionários de opinião.

Sobre este Projeto e questionada se, após as sessões ministradas aos alunos, notou alguma diferença, responde que não é fácil avaliar os outputs e que os alunos não são acompanhados com regularidade pelo professor bibliotecário. Quanto aos aspetos positivos do Projeto menciona a formação dada aos alunos e a contribuição para a tomada de consciência da escola relativamente à importância da LI.

Refere como dificuldades maiores para a implementação da formação para a LI convencer os colegas da sua necessidade e motivá-los para darem sequência ao projeto, aplicando aprendizagens iniciais em trabalhos.

Finalmente, convidada a apresentar que ideias gostaria de propor para melhorar a formação para a LI sugere que a escola assumisse que esta é essencial para todos os alunos e que promovesse um projeto de formação a integrar os Projetos de Trabalho das Turmas.

## **Conclusão**

Conclui-se que o projeto "Na Onda da boa in/formação", teve um bom acolhimento institucional, contando com o apoio da Direção da Escola, com a anuência do Conselho Pedagógico e com o trabalho colaborativo da professora bibliotecária e docentes de Filosofia. De acordo com o comportamento e feedback dos alunos, nos momentos de formação, e tendo em conta os resultados alcançados, pensamos que esta foi do seu agrado e que foi útil. Também os parceiros do Projeto e alguns professores com quem fomos falando deram boa nota do mesmo.

Graças à mobilização e colaboração de todos os intervenientes envolvidos, ativos e sensibilizados para a importância da LI e para a sua aplicação no contexto académico, foi possível que a biblioteca viabilizasse um motivador programa de formação para a LI, tornando-se, assim, mais próxima dos seus utilizadores mais útil e visível junto da comunidade escolar.

Refere-se como dificuldade inicial a escolha do público-alvo já que, desde o início, através do diálogo com os parceiros do Projeto, concluímos que, para melhor assegurar um trabalho colaborativo com os docentes, seria conveniente que os alunos em causa não se encontrassem a frequentar um ano de exame. Também no decurso do processo, confirmamos a falta de tempo e a pressão a que estão sujeitos professores e alunos, confinados ao cumprimento dos programas e à obtenção de bons resultados. E assim, por motivos conjunturais do sistema de ensino, ironicamente pouco favoráveis a uma abordagem integrada e transversal da LI no currículo, não foi possível concretizar outras ideias, com vista a um desenvolvimento mais consolidado de competências de literacia e de multiliteracias destes jovens.

Apesar de todas as dificuldades, os bons resultados da avaliação de conhecimentos de LI, confirmam que a formação formal é o "espaço" que as bibliotecas devem continuar a conquistar. Mas porque a Educação deve ser para todos e porque os ritmos de aprendizagem são diferentes, há que pensar nos que ainda não alcançaram resultados positivos. Por isso, há que conquistar mais "tempo" para esses e todos os outros que devem desenvolver e consolidar, ao longo do percurso escolar, as suas competências, através de uma ação formadora continuada, colaborativa e formalmente visível nos currículos. E tal passará por rever políticas educativas que invistam mais na LI e que deixem de ser ambíguas em relação a quem compete formar e de que modos.

Em suma, pensamos ter conseguido trabalhar em dois eixos importantes – o da formação e o da visibilidade da biblioteca, através da adoção de estratégias de marketing. Estas, como sabido, devem fazer passar a imagem dos profissionais que nela trabalham - bibliotecários proativos, dotados de todas

as competências que querem desenvolver com os seus públicos, garantindo um serviço de informação de excelência, atraindo mais leitores e fidelizando os existentes, na onda de uma boa in/formação.

### Referências bibliográficas

A. M. Silva, V. F. Marcial & F. Martins (Eds.). (2016). *A literacia da informação em Portugal: Um diagnóstico, um modelo e uma reflexão prospetiva (2007-2010)*. [PDF]. Disponível em [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=160931](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=160931)

Bawden, D. (2001). Information and digital literacies; a review of concepts. *Journal of Documentation*, 57 (2), 218-259. Disponível em <https://arizona.openrepository.com/bitstream/handle/10150/105803/bawden.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Braga, I. (2014). *A Literacia da Informação no Ensino Politécnico: competências e práticas numa Escola Superior*. (Tese de Doutoramento, Universidade do Porto). Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/76099>

Chartered Institute of Library and Information Professional (2018). Definition of Information Literacy. Disponível em <https://archive.cilip.org.uk/sites/default/files/media/document/2018-04/ildefinitioncilip2018.pdf> 2018

Conselho Nacional de Educação (2016). *Resultados PISA 2015*. Disponível em <http://www.cnedu.pt/pt/noticias/internacional/1179-resultados-pisa-2015>

Cope, B, & Kalantzis, M. (2009). "Multiliteracies": New Literacies, New Learning. *Pedagogies: An International Journal*, 4 (3), 164-195. Disponível em <file:///C:/Users/user/Downloads/pedagogiesm-litsarticle.pdf>

Dudziak, E. (2001). *A information iiteracy e o papel educacional das bibliotecas* (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo). Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>

Dudziak, E. (2005). Competência em informação: melhores práticas educacionais voltadas para a information literacy. In Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Disponível em [http://eprints.rclis.org/6876/1/166\\_DUDZIAK\\_CBBBD\\_2005b.pdf](http://eprints.rclis.org/6876/1/166_DUDZIAK_CBBBD_2005b.pdf)

Ministério da Educação (Ed.). (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Disponível em [https://dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias\\_Imagens/perfil\\_do\\_aluno.pdf](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/perfil_do_aluno.pdf)

OCDE. (2018). *PISA 2015: Results in Focus*. Disponível em <https://www.oecd.org/pisa/pisa-2015-results-in-focus.pdf>

Partnership for 21st Century. (2016). *Learning P21's Framework for 21st Century Learning*. Disponível em [http://www.p21.org/storage/documents/docs/P21\\_framework\\_0816.pdf](http://www.p21.org/storage/documents/docs/P21_framework_0816.pdf)

Rede de Bibliotecas Escolares (Eds.). (2017). *Aprender com a biblioteca escolar. Referencial de aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário*. [PDF]. Disponível em [http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/1906/referencial\\_2017.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/1906/referencial_2017.pdf)

Saunders, L. (2012). Faculty perspectives on information literacy as a student learning outcome. *The Journal of Academic Librarianship*, 38 (4), 226-236. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0099133312000882>

Swiatkiewicz, O. (2014). Competências transversais, técnicas ou morais: um estudo exploratório sobre as competências dos trabalhadores que as organizações em Portugal mais valorizam. *Cad. EBAPE.BR*, 12 (3), 663–687. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v12n3/v12n3a08.pdf>

Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31 (3), 443-466. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>